



PACOTE MUDA RUMO DA CAMPANHA ELEITORAL

Dona Ruth tem razão. É preciso mesmo ter coragem para, a menos de um ano da eleição presidencial, lançar um pacote de medidas impopulares, que prejudicam diretamente as classes baixa e média, aumentam a recessão e o desemprego e terão reflexos nos preços de transportes públicos e alimentos.

Coragem maior, porém, é lançar um pacote seguindo um receituário antigo, anacrônico mesmo, com cheiro de naftalina, muito parecido com os planos econômicos dos anos 80, fundamentado em elevação de impostos e juros, demissão de

servidores e aumento de combustíveis e tarifas públicas. Enfim, um arsenal de medidas de arrocho — como nos tempos em que o Brasil rezava na cartilha do Fundo Monetário Internacional, o FMI — que reduzem o poder de compra da população, diminuem o consumo, inibem a produção industrial.

Só faltou mesmo o congelamento dos salários, mas este já está em vigor desde 1994, e a troca da moeda — mas esta, felizmente, não foi necessária. Afinal, é exatamente para salvar o Real que o governo promoveu os ajustes da semana passada.

Pior ainda, no entanto, é a im-

pressão de que muitas dessas medidas de contenção de despesas, que a oposição já apelidou de bijuterias, poderiam muito bem ter sido adotadas ao longo dos três anos do governo Fernando Henrique Cardoso. Se houvesse vontade política para isso.

O pacote de medidas que chega amanhã ao Congresso Nacional, elaborado em nome da estabilidade econômica e da preservação do Real, esquenta a corrida pela sucessão de Fernando Henrique Cardoso e fornece elementos concretos para a oposição atuar de agora em diante. Afinal, de Ciro Gomes a um sempre indefinido e indecifrável

Paulo Maluf, passando por Lula, os virtuais adversários de Fernando Henrique poderão, se quiserem, apregoar que as medidas atingem fundamentalmente o bolso do cidadão e preservam, como sempre, os grandes capitais e o sistema financeiro. Podem também sinalizar que a urgência, quase que improvisada, com que o pacote foi montado expõe a fragilidade da estabilização econômica do país e a necessidade de mudanças estruturais na condução da economia.

Mas os caciques do PT e do PSB estão cautelosos e decidiram adotar uma tática mais discreta do que a habitual: não

querem sair atirando indiscriminadamente contra o pacote, contra o Real, contra o governo, para não passar a imagem de catastrofistas e adeptos do quanto pior, melhor.

“É claro que vamos explorar o pacote do ponto de vista eleitoral, mostrando que quem está pagando a conta é o contribuinte. Mas com cuidado. Não queremos o pior para o país”, explica o senador José Eduardo Dutra (PT-SE), da executiva do partido, acrescentando: “Vamos propor soluções alternativas para reduzir o impacto das medidas no bolso da população.”

O fato é que a situação é mes-

mo complicada. Nem o governo se arrisca a tapar o sol com a peneira e assume as dificuldades do momento.

Em entrevista à rádio CBN, o líder do governo no Senado, José Roberto Arruda (PSDB-DF), comparou o pacote do governo a um remédio necessário, mais precisamente a uma injeção de Benzectacil (a popular Bezeta-cil). E utilizou uma imagem pouco reconfortante para ilustrar o momento: “Não é porque colocamos um colete salva-vidas que vamos conseguir chegar ao porto.”

Agora sim, a campanha eleitoral começou.

“O PACOTE DE MEDIDAS QUE CHEGA AMANHÃ AO CONGRESSO ESQUENTA A CORRIDA PELA SUCESSÃO E FORNECE ELEMENTOS CONCRETOS PARA A OPOSIÇÃO ATUAR DE AGORA EM DIANTE”